

A INTERDISCURSIVIDADE EM LAGARTIXAS E DINOSSAUROS

José de Souza Breves Filho (UEMA)

INTRODUÇÃO

O diálogo intertextual é um desafio para a interpretação, pois o leitor deve dirigir seu olhar para um sentido que está posto alhures e que retorna no presente. Esse retorno pode trazer um novo sentido que transfigura o original e o transgride. Mas pode, igualmente, voltar sob a forma de paráfrase, de re colocação do mesmo sentido original.

É esse movimento parafrástico que vamos encontrar, por exemplo, no texto LAGARTIXAS E DINOSSAUROS, de Rubem Alves. Ele narra a história de lagartixas (brancas, pretas, amarelas etc.) que viviam na floresta há muitos, muitos anos atrás. Lá, morava também uma fada protetora das lagartixas que lhes dizia: “É preciso ter muito cuidado com a serpente”. Ao dizer isso, ela apontava uma árvore com apetitosos frutos vermelhos pendendo de seus ramos. Era no oco daquela árvore que a serpente ficava.

Um dia, as lagartixas brancas (diferentes das outras por serem curiosas) foram persuadidas pela serpente com a promessa de ficarem maiores e bonitas, e resolveram comer o fruto proibido. As transformações foram imediatas e elas viram seus corpos tornarem-se grandes e coloridos. Já não eram lagartixas e sim poderosos lagartos. “Como seremos temidas e respeitadas!”, imaginaram.

Mas a serpente não lhes havia dito que, quem comesse daquele fruto, estaria condenado a crescer, crescer... Agora, eles eram tão grandes que suas cabeças estavam mais altas do que a floresta. Seu tamanho imenso exigia um novo nome: dinossauros - os maiores e mais poderosos animais a viverem sobre a terra. À

medida que seus corpos cresciam, cresciam também seus estômagos, enfim, sua fome. Por onde quer que fossem, eles devoravam tudo o que encontravam.

As florestas chegaram ao fim. As lagartixas continuaram vivas, porque seus corpos pequeninos precisavam de pouco para sobreviver. Elas estiveram presentes na agonia dos dinossauros. Nada podiam fazer. Quanto à serpente, dizem que se mudou. Alguém que estava por perto, ouviu-a falando sozinha, enquanto se arrastava: “Se deu certo com as lagartixas, haverá de dar certo com os homens”.

2. O INTERDISCURSO NA TEIA DO TEXTO

A narrativa do texto LAGARTIXAS E DINOSSAUROS é construída por uma oposição temporal (antes X depois), que se instaura por meio de vários recursos discursivos: formas verbais, advérbios de tempo, adjuntos adverbiais etc. [GREIMAS & COURTÉS (1989)]. Esses **demarcadores** operam a distinção entre um tempo **outrora** (em tempos passados, antigamente etc.) e o tempo do **agora**, tendo, como ponto de referência, **o momento em que as lagartixas brancas comeram o fruto vermelho**. Essa oposição temporal pode ser observada na passagem a seguir:

“Tudo parecia ficar cada vez menor, à medida que cresciam. As samambaias, outrora enormes, à cuja sombra se abrigavam, e de cujas folhas comiam por meses inteiros, agora eram plantas minúsculas que engoliam com uma bocada só: nada mais que simples aperitivos para as refeições reais, árvores inteiras, que devoravam com copas e troncos.”¹

Assim, a narrativa pode ser dividida em dois segmentos que são: **antes** de comerem o fruto vermelho, elas tinham uma “pele branquela e sem graça”; **depois** de comê-lo, viram “as cores

¹ Lagartixas e dinossauros (Nessa obra, as páginas não são numeradas).

mais lindas cobrir a sua pele” e se tornaram “temidas e respeitadas”. Mas, ao lermos atentamente o texto, não nos perdemos por entre os enunciados que o constituem, nem perdemos a noção de conjunto. É possível perceber a conexão existente entre os dois segmentos e compreender que eles estão interligados.

Em LAGARTIXAS E DINOSSAUROS, a narrativa constrói-se no imbricamento de elementos de três discursos: o político, o religioso e o histórico. Na organização desses elementos, o enunciador tece um texto, cuja base é uma máxima filosófica: a ambição sem medidas pode levar à destruição, à morte. Essa narrativa envolve a idéia de um início, seguido de um desenvolvimento e de um fim, sendo partes ou momentos de uma dinâmica do fato narrado. São momentos interdependentes, de forma tal que a não-ocorrência de um comprometeria a seqüência dos demais. Há, implícita, a idéia de uma linha parabólica que ascende e descende, no topo da qual deve existir um ápice de grande interesse. A curva descendente revela-se após o clímax como desenlace de todo o enredo, caminhando rapidamente para o ponto extremo da parábola: a solução final.

Devido a esse caráter parabólico, o texto de Rubem Alves é uma narrativa de *ficção*², que apresenta uma história constituída por uma pluralidade de personagens, cujos episódios de vida se entrelaçam num tempo e num espaço imaginário. Existem figuras de animais antropomorfizados³ presentes no enredo, levando-nos a lê-la como uma “história de homens” - princípio fundamental da fábula. Para Fiorin (1984), a fábula é tradicionalmente dividida em duas partes: a história e a moral (a primeira é figurativa; a segunda, temática). Dessa forma, “esta serve para fixar ‘o verdadeiro sentido’ daquela” (1984, p. 72). O texto possui, também, uma característica dos textos de Literatura Infantil: a presença de figuras do universo infantil (bichos, natureza etc.).

² Vem do latim *fictione(m)* que significa modelar, compor, imaginar, fingir [cf. Moisés (1982)].

³ Animais com atributos (defeitos e virtudes) de seres humanos.

Não se pode falar de história figurativa e moral temática, sem salientar que a oposição entre **figura** e **tema** conduz, em princípio, à idéia de concreto/abstrato. No entanto, não são termos polares, que se opõem de maneira absoluta, já que “constituem um *continuum* em que se vai, de maneira gradual, do mais abstrato ao mais concreto” (FIORIN, 1990, p. 65). **Tema** é um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, pois são palavras ou expressões que não correspondem a algo existente no mundo natural, mas a elementos que organizam, categorizam, ordenam a realidade percebida pelos sentidos (como, por exemplo, humanidade, idealizar, privação, feliz, necessidade etc.). Já **figura** é “todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural” (FIORIN, 1990, p. 65). Em outras palavras, figuras são palavras ou expressões que correspondem a algo existente no mundo natural (por exemplo: substantivos concretos, verbos que indicam atividades físicas, adjetivos que expressam qualidades físicas).

Na semiótica greimasiana, ao estudarmos o percurso gerativo do sentido, constatamos que a interpretação de qualquer texto depende da captação dos **valores fundamentais**⁴ na geração do sentido. Esses valores são tematizados no discurso e sustentam uma narrativa. No texto-objeto, o tema principal é “a busca do poder”, que expressa os seguintes valores de base: /querer/ *versus* /não-querer/ e /ter/ *versus* /não-ter/. Ainda no discurso, as figuras concretizam os temas. Para entender um texto figurativo, é preciso apreender os temas subjacentes que dão sentido às figuras. Quando se fala em textos figurativos ou não-figurativos, fala-se em predominância e não em exclusividade, já que não existem textos exclusivamente figurativos ou temáticos. Segundo Fiorin, “um texto figurativo é aquele construído predominantemente com figuras, enquanto um texto temático é organizado basicamente com temas” (1990, p. 24).

⁴ Pertencem ao nível fundamental do percurso, em que há sempre oposições semânticas mínimas.

Em LAGARTIXAS E DINOSSAUROS, a narrativa é figurativa e tem uma moral (a ambição sem medidas pode levar à morte) que serve para crianças ou adultos. Embora a história tenha, como personagens, seres não-humanos, o enunciador confirma a isotopia humana no texto com esta frase: “Se deu certo com as lagartixas, haverá de dar certo com os homens”. Assim, uma segunda leitura pode ser feita a partir dessas pistas significativas presentes no texto. De acordo com Greimas e Courtés (1989), a isotopia possibilita diferentes leituras de um texto, porém o número de leituras possíveis não é infinito, porque “ele está simplesmente ligado ao caráter polissemêmico dos lexemas, cujas virtualidades de exploração são em número finito” (1989, p. 247). Para os estudiosos da semântica do discurso, a reiteração, a repetição, a recorrência de traços semânticos ao longo do discurso, dá coerência⁵ a um texto, fazendo dele uma unidade sentido - chamamos esse fenômeno de isotopia.

No texto-objeto, as personagens/bichos são metáforas, uma vez que ele conta uma história de homens - as fábulas servem para desnudar certos comportamentos humanos. Como se chega a essa conclusão no texto analisado? Para comprovar a asserção, há uma isotopia determinando que o texto seja lido assim. Desse modo, as lagartixas (personagens principais) apresentam o traço /não-humano/, entretanto alguns lexemas⁶ ou frases contêm um traço /humano/ ou combinam-se com ele, por exemplo: “dizia”; “ouviam sempre os seus conselhos”; “não se cansava de dizer”; “apontava”; “se surpreenderam”; “esperavam uma coisa enorme”; “caíram na risada”; “resolveram chegar mais perto”; “disseram respeitosamente”; “respondeu a cobra amavelmente”; “esta palavra as chocou”; “nunca haviam se pensado como pequenas”; “perguntou”; “responderam”; “a fada da floresta nos advertiu”; “nos contou”; “ficaram com vergonha”; “vocês falarão grosso”;

⁵ Que nos possibilita distinguir um texto estruturado do ponto de vista semântico de um amontoado de frases sem qualquer relação.

⁶ Ou seja, as palavras que se acham no léxico de uma língua [cf. Fiorin (1990)].

“encantaram as lagartixas”; “queriam ser diferentes”, “queriam ser mais bonitas”, “queriam ser maiores”, “tinham estado convencidas”; “eram, dentre todas, as mais sábias”; “a cobra lhes oferecia”; “as outras terão inveja”; “seremos temidas e respeitadas”; “a cobra previra”; “elas só sabiam dizer ‘Sim’”; “os lagartos ponderaram”; “apelidaram”; “se congratulavam”; “todas choraram”; “respeitosamente colocaram”; “ouviu-a falando sozinha”.

Os lexemas com traço /humano/ são desencadeadores de isotopia, na medida em que eles não estão integrados à isotopia não-humana, inicialmente, proposta. Esses lexemas obrigam-nos a estabelecer um novo plano de leitura para o texto, já que a recorrência do traço /humano/ nos impõe uma outra leitura. Na isotopia humana dessa fábula moderna, as lagartixas brancas são pessoas, que desejam o poder a qualquer custo.

Em LAGARTIXAS E DINOSSAUROS, o dialogismo está presente, primeiramente, na evocação de “idéias” de um discurso político. Elas apontam para a crença na superioridade da raça branca. Isso é uma exacerbação do racismo e, em nossa memória textual, recupera o nazismo⁷, que era pautado no mito da existência do povo ariano: os europeus descendentes dos árias (os mais antigos antepassados da família indo-européia) sem ascendência judaica. Seus seguidores acreditavam piamente ser a melhor raça, a mais inteligente, enfim, a raça pura. Vejamos alguns exemplos selecionados, nos quais o narrador mostra as convicções das lagartixas brancas:

⁷ Na Alemanha, movimento chauvinista de direita que teve, como modelo, o fascismo. Este era um sistema político nacionalista, imperialista, antiliberal e antidemocrático, liderado por Benito Mussolini (1883-1945) na Itália. A doutrina do nazismo, sistematizada por Adolf Hitler (1889-1945), consistiu numa mistura de dogmas e preconceitos cuja base foi a crença na pretensa superioridade da raça ariana.

“As lagartixas, amedrontadas, trata-vam de ficar o mais longe possível da árvore, por medo da terrível serpente.

Bem, nem todas. As lagartixas brancas, em tudo iguais às outras, tinham uma coisa que as outras não tinham: eram curiosas. Morriam de vontade de ver a tal cobra terrível que, segundo as palavras da fada, morava no oco da árvore de frutos vermelhos. E ficavam de longe, espiando, para ver como ela era.”

“As promessas da cobra encantaram as lagartixas. Era aquilo mesmo que sempre haviam desejado. Queriam ser diferentes. Queriam ser mais bonitas. Queriam ser maiores. Por muito tempo tinham estado convencidas de que eram, dentre todas, as mais sábias. Era justo, portanto, que se transformassem em rainhas.”

No texto-objeto, temos a interdiscursividade como processo de incorporação de figuras de outros discursos. A presença das figuras **serpente** e **fruto proibido** revela, como interdiscurso, a retomada de dois símbolos do discurso religioso. A análise desses símbolos e o efeito de sentido por eles produzido fazem-nos recorrer à proposta, de Maingueneau, de uma cenografia, com elementos que compõem a cena enunciativa. Mas, dentre os elementos propostos para a cenografia, abordaremos, somente, o conceito de dêixis⁸ fundadora. A dêixis fundadora “deve ser entendida como a(s) situação(ões) de enunciação anterior(es) que a dêixis atual utiliza para a repetição e da qual retira boa parte de sua legitimidade” (MAINGUENEAU, 1993, p. 42). Há, assim, uma reconstituição da cena fundadora (no mito de Adão e Eva, a expulsão do paraíso), porque nada é novo, isto é, uma situação

⁸ No sistema lingüístico, a dêixis define as coordenadas espaço-temporais implicadas num ato de enunciação, porque ela designa mostrando, em vez de conceituar [cf. Camara Jr. (1981)].

de enunciação anterior foi atualizada, para legitimar o interdiscurso.

A serpente é a primeira figura do discurso religioso e representa, na tradição bíblica, o mal insinuante e ardiloso. No texto bíblico - capítulo 3 (A queda do homem - do primeiro ao terceiro versículo) do livro do Gênesis -, esse símbolo do Mal é assim enunciado:

“¹Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?”

²Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer,

³mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais.”

Observemos, agora, os exemplos destacados no texto-objeto: “— ‘É preciso ter muito cuidado com a serpente’, ela (a fada protetora) não se cansava de dizer”; “E, com estas palavras, ela apontava para uma árvore que crescia no meio da floresta, com apetitosos frutos vermelhos pendendo dos seus ramos”; “— É ali que ela mora, no oco daquela árvore. E aqueles frutos têm o poder especial de engordar as lagartixas que deles comem...”

Em LAGARTIXAS E DINOSSAUROS, o enunciador resgata a figura da serpente como a que induz ao pecado. Para comprovar isso, podemos traçar um paralelo entre os dois textos: “¹Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito...” / “¹³Disse o SENHOR Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi” (p. 5). Observemos, do texto-objeto, os trechos que denotam a astúcia da serpente: “— Vocês não

⁹ BÍBLIA Sagrada, 1993, p. 5 (Nas próximas citações dessa obra, indicaremos entre parênteses o número da página dessa edição).

gostariam de ficar assim bonitas? Todas as outras lagartixas, ao verem as suas cores, morrerão de inveja!”

Em outro trecho, a serpente tenta persuadir as lagartixas a comerem o fruto proibido (como no texto bíblico, o argumento é a conquista do poder): “ – Mas não é só isto’, ela continuou. ‘O fruto vermelho tem também o poder de fazer ficar grande aquilo que é pequeno’”; “ – Ser pequeno! Que coisa mais humilhante!”; “ – Se vocês forem lagartixas grandes em meio às lagartixas pequenas, todas as outras olharão para vocês com respeito. Vocês falarão grosso e as outras obedecerão. Vocês serão as rainhas das lagartixas, pela sua beleza e pelo seu tamanho.”

Segundo o relato do texto bíblico, no capítulo 3 (o quarto e quinto versículos) do mesmo livro, a serpente tem, em seu discurso ardiloso, um argumento bastante persuasivo:

“Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morreréis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal.” (p. 5)

Ainda na recuperação e atualização de figuras do discurso religioso, o enunciador coloca, no texto-objeto, um elemento de transformação não só das lagartixas, como também da própria narrativa: o fruto vermelho. Ele é uma alusão ao fruto que, no texto bíblico, provocou a expulsão de Adão e Eva do paraíso. Observemos o trecho abaixo:

*“E, com estas palavras, ela apontava para uma árvore que crescia no meio da floresta, com apetitosos frutos vermelhos pendendo dos seus ramos.
— ‘É ali que ela mora, no oco daquela árvore. E aqueles frutos têm o poder especial de engordar as lagartixas que deles comem, e que assim se transformam em comida de serpente...”*

Na passagem bíblica, a árvore do fruto proibido está no meio do jardim e no texto LAGARTIXAS E DINOSSAUROS, no meio da floresta. Um espaço central (no meio do(a)) ratifica essa figura como elemento capaz de operar as transformações, que se seguem na narrativa, tanto do texto bíblico (a expulsão de Adão e Eva do paraíso) como do texto estudado (a metamorfose lagartixa/lagarto/dinossauro). No trecho destacado abaixo, temos essas transformações corroboradas por lexemas que indicam uma mudança de estado. Vejamos o exemplo:

*“As transformações foram imediatas. Viram as cores mais lindas cobrir a sua pele branquela e sem graça.
“Ah! Como as outras terão inveja!”, pensaram.
E o seu corpo se pôs a crescer. Já não eram lagartixas.
Transformaram-se em poderosos lagartos.
“Ah! Como seremos temidas e respeitadas!”, imaginaram.
Foi um rebuliço entre as lagartixas quando as brancas voltaram transformadas¹⁰ em lagartos multicoloridos.”*

Outra alusão a elementos do discurso religioso é a referência aos pecados capitais. Estes são os sete vícios ou faltas graves catalogados pela Igreja na Idade Média, e fazem parte da tradição cristã. Os pecados capitais são: avareza, gula, inveja, ira, luxúria, orgulho e preguiça. No texto LAGARTIXAS E DINOSSAUROS, três pecados capitais (o orgulho, a inveja e a gula) são mencionados reiteradas vezes. Observemos os exemplos:

O ORGULHO - “Vocês serão as rainhas das lagartixas, pela sua beleza e pelo seu tamanho”; “Por muito tempo tinham estado convencidas de que eram, dentre todas, as mais sábias. Era justo, portanto, que se transformassem em rainhas”; “Ah! Como seremos temidas e respeitadas!”, imaginaram”; “São as conseqüências inevitáveis de nossa nova e superior condição’, os lagartos ponderaram”; “Quanto maior, melhor...’, repetiam felizes, ao ver o espanto das lagartixas, ridículos pequenos animais,

¹⁰ O grifo é nosso.

que até apelidaram de ‘subdesenvolvidas...’; “E assim marchavam, orgulhosos do seu tamanho sempre crescente...”

A INVEJA - “Ah! Como as outras terão inveja!’, pensaram”; “As pequenas morreram de inveja e de medo.”

A GULA - “Quem é maior tem de comer mais”; “E com estas palavras se punham a devorar, numa única refeição, aquilo que todas as outras juntas não conseguiam comer num ano inteiro”; “As samambaias, outrora enormes, à cuja sombra se abrigavam, e de cujas folhas comiam por meses inteiros, agora eram plantas minúsculas que engoliam com uma bocada só: nada mais que simples aperitivos para as refeições reais, árvores inteiras, que devoravam com copas e troncos”; “E se congratulavam dizendo: ‘Não há fim para a comida...’ E sonhavam com o dia em que seriam tão grandes que alcançariam as nuvens. Quem sabe chegaria o momento em que comeriam a lua e as estrelas...”; “À medida que seus corpos cresciam, cresciam também seus estômagos. Cresciam as suas bocas. Crescia a sua fome.”

Fica evidente de que forma o sujeito-produtor representa os diferentes papéis na relação de poder: (i) de um lado, o papel de protetora/dominadora encarnado pela fada¹¹, na medida em que é ela quem diz o que as lagartixas devem fazer; (ii) do outro, o papel de submissa representado pelas lagartixas que “ouviam sempre os seus conselhos”. O trecho selecionado exemplifica os papéis representados no texto:

“Morava também na floresta uma fada protetora das lagartixas. Era ela que lhes dizia o que fazer, quando surgia qualquer problema. E as lagartixas ouviam sempre os seus conselhos, pois sabiam que a fada tinha uma sabedoria que elas não possuíam.”

— ‘É preciso ter muito cuidado com a serpente’, ela não se cansava de dizer. ‘Pois lagartixas são a comida de que ela mais gosta.’

¹¹ Disfarçado pela expressão “protetora das lagartixas”.

E, com estas palavras, ela apontava para uma árvore que crescia no meio da floresta, com apetitosos frutos vermelhos pendendo dos seus ramos.

— ‘É ali que ela mora, no oco daquela árvore. E aqueles frutos têm o poder especial de engordar as lagartixas que deles comem, e que assim se transformam em comida de serpente...’

Vale ressaltar que a figura da fada traz para o seu papel não só uma autoridade¹² (ela possui a sabedoria), mas também uma possibilidade de resolução para problemas “futuros”, uma vez que essa figura dos contos maravilhosos representa uma potencialidade pelos poderes mágicos (que conhecemos de outros textos).

E as lagartixas brancas - em tudo iguais às outras - tinham algo que as outras não possuíam: “eram curiosas”. Este atributo de natureza eufórica promove uma recusa do papel inicial e, então, um novo papel é proposto para essas lagartixas na narrativa. Assim, há uma desqualificação do papel da fada em dois momentos: o primeiro, quando as lagartixas viram “uma coisinha pequena, de aparência fraca e inofensiva”; o segundo, na fala da serpente. Observemos os trechos abaixo:

“As lagartixas brancas caíram na risada e viram logo que uma cobrinha daquelas não tinha boca para comê-las. A fada havia exagerado as coisas. E assim resolveram chegar mais perto, a fim de saber melhor.”

“— ‘Eu, comedora de lagartixas? Nem pensar! Sou vegetariana. Só como os frutos da minha árvore. Eles são mágicos. Quem se alimenta deles fica mais bonito. Querem ver?’”

No texto-objeto, é interessante notar que os poderes mágicos não pertencem à fada e sim aos frutos. Esse fato corrobora a desqualificação do papel da fada. Vejamos os exemplos: “Eles

¹² Enfatizada pelo narrador: “A fada tinha uma sabedoria que elas não possuíam”.

são mágicos. Quem se alimenta deles fica mais bonito”; “— Mas não é só isto’, ela (a serpente) continuou. ‘O fruto vermelho tem também o poder de fazer ficar grande aquilo que é pequeno.’”

Ainda caracterizando a presença de interdiscursos na teia do texto, existem marcas de um discurso histórico, quando o enunciador delega voz ao narrador, para explicar as razões pelas quais os dinossauros desapareceram da Terra:

“Demorou, mas este dia chegou. A sua frente, às suas costas, ao seus lados, apenas a terra seca. As florestas haviam acabado. Sua voracidade as havia devorado. E ali ficaram os dinossauros, com suas enormes bocas abertas, sem ter nada com que matar a sua fome. Seu tamanho enorme os havia condenado à morte.”

No exemplo acima, o discurso narrativo é atravessado por informações de um discurso histórico e científico, que narra a evolução da espécie e o fim desses reptis de dimensões gigantescas. A morte, devido à escassez de alimento, é uma das hipóteses levantadas por cientistas, para o desaparecimento dos dinossauros na Terra. Os defensores dessa hipótese dizem que o impacto o ar da Terra, encobrindo o sol durante muito tempo. Em decorrência disso, dizimou não só a vegetação¹³ como também os dinossauros. Há cientistas que associam a extinção às mudanças do clima. Outros falam de pestes e erupções vulcânicas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a relação interdiscursiva, Maingueneau (1984) é incisivo, ao proclamar o primado do interdiscurso sobre o discurso. Ele assevera que “a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (1984, p. 11). Para ele, temos de relacionar a interdiscursividade com a gênese discursiva, já que

¹³ Em consequência disso, porque a maioria era herbívoro.

não existe discurso autofundado, de origem absoluta. Enunciar é situar-se sempre em relação a um já-dito, que se constitui no Outro do discurso. Em outras palavras, cronologicamente é o discurso segundo que se constitui, recorrendo ao primeiro. Assim, o primeiro é o Outro do discurso segundo, não sendo possível o inverso. No entanto, é importante salientar que a constituição do discurso segundo ameaça o primeiro em seus fundamentos, pois à medida que retiramos fragmentos de um discurso para inserir em outro, mudamos, com essa transposição, suas condições de produção. Desse modo, a significação desses fragmentos ganha uma nova configuração semântica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. **Lagartixas e dinossauros** (ilustrações de André Ianni). 2. ed. São Paulo: Loyola, 1992.
- BÍBLIA Sagrada. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- FIORIN, José Luiz et al. A inauguração da inocência. **Significação - Revista brasileira de semiótica**. São Paulo: Centro de Estudos Semióticos, n. 4, p. 70-80, 1984.
- _____. **Elementos de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1990.
- GREIMAS, A. Julien e COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Genèses du discours**. 2. éd. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984.
- _____. A cena enunciativa. In: **Novas tendências em análise do discurso**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1993. p. 29-52
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.